

PREÂMBULO

O meu interesse pela problemática do acesso à informação não decorre de uma motivação recente; remonta já aos tempos em que me iniciei nas “lides” biblioteconómicas e arquivísticas, ou seja, à época em que frequentei o extinto Curso de Bibliotecário-Arquivista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nessa altura, a minha atenção dirigia-se, especialmente, para a aplicação correcta das técnicas de tratamento documental, largamente desenvolvidas no campo da Biblioteconomia e ainda incipientes no domínio da Arquivística. Ao longo dos anos, no contexto do exercício profissional, a motivação para desenvolver meios eficazes de recuperação da informação, no sentido de otimizar os serviços disponíveis aos utilizadores, levou-me, naturalmente, a um aprofundamento da técnica mas também a uma procura de fundamentação teórica para essa mesma técnica, especialmente na área dos arquivos.

Quando em Fevereiro de 1993, na qualidade de assistente estagiária do Curso de Especialização em Ciências Documentais, realizei as “provas de aptidão pedagógica e capacidade científica”, cujo tema de estudo se centrou na problemática da indexação e do controlo de autoridade nos arquivos, decidi, quase de imediato, que iria trabalhar na mesma linha de investigação para o doutoramento, embora alargando o âmbito a outras formas de acesso à informação, que não apenas a do acesso por assuntos. Esta ideia implicava, como pontos de partida, um conhecimento da evolução do problema ao longo dos tempos e uma análise dos meios susceptíveis de concretizar esta operação, aparentemente, apenas do foro da técnica arquivística.

Com vista ao estudo retrospectivo da problemática que decidira eleger como tema de trabalho, comecei naturalmente a recolher “material” para um primeiro capítulo dedicado à perspectiva diacrónica sobre o acesso à informação. Aos poucos ia aumentando a minha surpresa face à quantidade de elementos que

não cessava de compilar, uns porque me interessavam directamente, outros porque me despertavam a curiosidade, e que decidia também “armazenar”. Ao fim de dois anos começava a ter a nítida consciência de que a informação reunida não podia ser devidamente analisada apenas num capítulo de enquadramento geral do tema.

Paralelamente à investigação para o doutoramento, desde há cerca de quatro anos, envolvi-me num outro projecto deveras aliciante em colaboração com três colegas de docência dos Cursos de Especialização em Ciências Documentais de Coimbra e do Porto - Armando Malheiro da Silva, Júlio Ramos e Manuel Luís Real - cujo objectivo era o de escrever um “livro” de Arquivística, que nos pudesse servir de base de referência como professores desta área. A empresa a que nos lançámos empenhadamente resultou, de facto, na produção de um ensaio intitulado *Arquivística : teoria e prática de uma ciência da informação*, cujo volume primeiro estará disponível ainda este ano. A reflexão, o debate de ideias, o estudo suscitados pela necessidade de conhecer e problematizar a fundamentação científica de uma disciplina, que se encontra num momento crucial de afirmação de identidade, foram determinantes para traçar, em definitivo (e, de certo modo, reorientar), o rumo desta dissertação.

A teoria e o método da Arquivística, pensados e devidamente explanados na *Arquivística : teoria e prática...*, não só passaram a constituir uma base de referência fundamental para o estudo da variável de investigação escolhida para esta tese, como também estimularam grandemente a vontade de aprofundar o conhecimento sobre o tema escolhido, no caso presente, incidindo sobre a realidade portuguesa. Cada vez mais começava a não fazer sentido para mim desconhecer o modo como, ao longo dos tempos, se foi processando o acesso à informação dos arquivos, em que medida é que a evolução foi condicionada por factores intrínsecos e/ou extrínsecos ao próprio desenvolvimento daqueles, quais as influências sócio-culturais, político-ideológicas ou de outra ordem que se fizeram sentir, enfim... todo o contexto em que se tem situado esta questão, como meio essencial para compreender a realidade actual com todas as suas virtualidades e deficiências.

Esta nova motivação, que me permitia encarar o tema em estudo de uma forma muito mais abrangente do que a que no começo perspectivara, aliada à quantidade de dados recolhidos, também muito superior à que a princípio julgara poder reunir, levaram-me a reconsiderar a profundidade da análise retrospectiva que pensava fazer. E assim, o projectado capítulo inicial transformou-se numa primeira parte, que se concretizou num volume totalmente dedicado à abordagem diacrónica do tema.

Em face desta reformulação do projecto primitivo que, afinal, mais não foi do que o desenvolvimento de um aspecto já previsto no plano do trabalho, a segunda parte teve, obviamente, de sofrer também alguns ajustes, por forma a possibilitar a conclusão do estudo, nos prazos legais. Assim, os aspectos mais técnicos, relativos à forma dos pontos de acesso à informação e aplicação do controlo de autoridade, que inicialmente tinha intenção de desenvolver, ficaram para um outro trabalho. Na linha de orientação da primeira parte, procurei, na segunda, privilegiar as questões teóricas e metodológicas relativas aos instrumentos de acesso à informação, deixando intencionalmente por abordar os procedimentos técnicos inerentes ao “fazer”.

No decorrer da investigação fui-me apercebendo gradualmente da importância do novo rumo seguido para o conhecimento aprofundado e global do tema que tinha em mãos. De facto, enveredar apenas por uma análise técnica, baseada somente em questões superestruturais sem conhecer o que fica a montante de toda esta questão, que é, afinal, a essência dos arquivos, seria uma perspectiva demasiado restritiva e limitada para um estudo de cariz científico. Foi, precisamente, a consciência disto que me fez reorientar a perspectiva que, no começo, tinha definido.

É por demais evidente que um trabalho deste género implica desbravar caminhos antes nunca trilhados e a “descoberta” de fontes de informação, nem sempre de referência fácil. É também sobejamente conhecido o facto de as nossas bibliotecas e os nossos arquivos não terem as condições ideais para os investigadores poderem, facilmente, aceder à informação que procuram, muitas das vezes por falta de instrumentos para o efeito. Contudo, no que toca a estas

questões, não quero deixar de afirmar que me senti verdadeiramente privilegiada, pelo simples facto de ser “do meio”, isto é, de dominar as fontes de referência, de conhecer os antigos catálogos, de ter colegas e amigos em muitos dos locais que frequentei para recolher informação, os quais sempre se mostraram disponíveis para localizar documentos de mais difícil acesso, para dar informações sobre “coisas” que conheciam, para, enfim, ajudar na investigação de um tema que afinal lhes tocava directamente. Sem este “à-vontade”, estou certa que nunca conseguiria ter recolhido o essencial da informação de que precisei, em pouco mais de um ano.

Mas para além das condições, que reputo de excepcionais, em que conduzi a minha investigação, este estudo também não teria sido possível desta forma sem o contributo de um grande número de pessoas e instituições a quem quero, publicamente, endereçar o meu reconhecimento.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Prof. Doutor José Marques, meu orientador científico, pelo interesse permanente que, desde a primeira hora, pôs neste trabalho. O incentivo que, mesmo nos momentos de desânimo - que também os houve - sempre me transmitiu, bem como a disponibilidade incondicional que manifestou para debater ideias, rasgar caminhos de pesquisa, fornecer informação bibliográfica, ler integralmente o texto, foram factores essenciais ao desenvolvimento deste estudo.

Igualmente quero expressar a minha gratidão ao Prof. Michael Cook, co-orientador desta tese, pelo interesse em acompanhar a minha investigação e pela atenção que dispensou - apesar da distância e, muitas vezes, apenas via Internet - ao seu desenvolvimento.

Ao Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade do Porto manifesto o meu reconhecimento pela concessão da dispensa de serviço, bem como pela inserção desta tese no âmbito da acção 5.2 do PRODEP (formação avançada no ensino superior), o que me permitiu dispor de algum apoio financeiro e beneficiar de três anos consecutivos sem actividade docente.

O apoio que recebi das várias bibliotecas e arquivos onde recolhi informação merece-me também uma palavra de agradecimento, pois embora

tenha, naturalmente, estado sujeita às condições normais de atendimento do público, recebi a melhor das atenções e um tratamento de “colega”, o que sempre facilita a transposição de pequenas barreiras burocráticas.

Começando por referir as bibliotecas, quero mencionar, antes de mais, a Biblioteca Pública Municipal do Porto, onde me “instalei” durante meses a fio, tendo recebido do seu Director, Dr. Luís Cabral, da responsável pela secção de “Reservados” - amiga e colega arquivista de outros tempos (bons tempos!) - Dr^a Maria Adelaide Meireles e da bibliotecária da mesma secção, Dr^a Isabel Antunes Guimarães, das bibliotecárias das secções da catalogação e hemeroteca, e do pessoal em geral, o melhor acolhimento e um empenho desmedido para poder consultar rapidamente tudo quanto necessitava; da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, quero evocar, especialmente, o nome da Dr^a Maria Teresa Pinto Mendes, bibliotecária responsável, que providenciou para que esta sua antiga aluna - que constantemente recorda as suas lições e sente que foi um privilégio tê-la como mestra - tivesse um tratamento idêntico ao dos investigadores regulares que aí acorrem, quer quanto à consulta, quer quanto ao empréstimo domiciliário e ao serviço de encomenda de fotocópias ao exterior, a que recorri diversas vezes; também na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, devo uma palavra de agradecimento à Dr^a Paula Maria Fernandes Martins, por me ter ajudado a resolver alguns problemas de catalogação; na Biblioteca Pública de Braga, quero destacar o apoio que o Dr. Henrique Barreto Nunes, seu responsável, amigo e colega de docência do Curso de Especialização em Ciências Documentais, em diversas ocasiões me dispensou, especialmente para reprodução de documentos; na Biblioteca Central da minha Faculdade, o ambiente familiar que aí sempre senti, aliado à relação de amizade que me liga aos seus responsáveis, o Director, Dr. João Emanuel Leite, e as bibliotecárias, Dr^a Isabel Pereira Leite e Dr^a Isabel Ortigão de Oliveira, foram também condições estimulantes para o desenrolar da investigação.

Dos arquivos onde também fiz diversas pesquisas, quero mencionar, primeiramente, o Arquivo Histórico Municipal do Porto, a cujo quadro de pessoal pertenci durante mais de cinco anos, facto que contribuiu para ter um

conhecimento profundo do mesmo e para criar laços de amizade com diversos funcionários, que ainda hoje me tratam como se fosse “da casa”. Ao seu Director, Dr. Manuel Luís Real, amigo e colega de muitos “trabalhos” e meditações comuns, que sempre acompanhou com entusiasmo o desenrolar deste estudo, e à generalidade das pessoas que trabalham no Arquivo, quero testemunhar o meu sincero agradecimento; ao Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (especialmente às Dr^{as} Maria de Lurdes Henriques e Ana Canas), ao Arquivo Distrital do Porto, ao Arquivo da Universidade de Coimbra (na pessoa do Dr. Júlio Ramos), ao Arquivo Distrital de Viseu (em especial à Dr^a Maria das Dores Henriques), ao Arquivo Histórico Ultramarino, ao Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Porto, instituições onde tive um gentil e prestável atendimento; finalmente a todos aqueles arquivos que, amavelmente, responderam ao pedido de informação sobre os instrumentos de acesso à informação que lhes enderecei, devo também uma palavra de gratidão.

Para além dos apoios institucionais referidos, aos quais se ligam naturalmente algumas pessoas, não posso deixar de mencionar ajudas individuais, que recebi de colegas e amigos.

Tentando não deixar ninguém no esquecimento (o que só o cansaço justificará), quero expressar o meu bem-haja reconhecido a todos os que, de uma forma ou de outra, me ajudaram: ao Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva, cuja simpatia e estima já vêm dos tempos em que fui sua aluna, pela disponibilidade que teve para me auxiliar na análise institucional que precisei de fazer; ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias, pelas informações preciosas que me forneceu sobre o “cartório” do Mosteiro de Bustelo; ao Prof. Doutor Luís Miguel Duarte, que me esclareceu dúvidas nas transcrições paleográficas; à amiga de longa data, Dr^a Maria Adelaide Meireles, que, para além do apoio na Biblioteca Pública Municipal do Porto, passou tardes “inesquecíveis”, à volta das minhas doze pastas de fotocópias, para em conjunto estabelecermos tipologias de instrumentos de acesso à informação, muitos deles verdadeiramente inclassificáveis; à colega e amiga Dr^a Maria Luísa Cabral, pela amabilidade de pesquisa das “cotas” de uma imensidão de obras que eu pretendia consultar na Biblioteca Nacional e que

ainda não constavam da PORBASE; à amiga de há anos já sem conta, Dr^a Maria Eugénia Matos Fernandes, pelas informações sobre vária documentação do Arquivo Distrital do Porto e sobre arquivos de ordens religiosas femininas; à Dr^a Madalena Garcia, actualmente subdirectora do Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, que também me forneceu elementos sobre arquivos aí incorporados; ao Dr. Silvestre Lacerda, pela ajuda na referenciação de instrumentos de acesso à informação recentemente editados, que ainda não me era possível encontrar nas bibliotecas, por não terem dado entrada pelo depósito legal.

A estes apoios concretos não posso deixar de juntar outros da maior importância e que incidiram na leitura e comentário do texto. Neste particular, devo um agradecimento sentido ao Dr. Júlio Ramos, pelo seu empenho na leitura atenta de todo o manuscrito e pelas sugestões e correcções que, de forma pormenorizada e rigorosa, fez ao longo do mesmo. Esta ajuda, na verdade, só se pode ter de um amigo.

Também ao Dr. Manuel Real e ao Dr. Luís Cabral quero manifestar o meu apreço pelas sugestões que me deram para melhorar algumas partes do texto, que amavelmente se disponibilizaram a ler.

Não posso deixar de referir ainda as conversas, sempre longas, com o colega e amigo, Dr. Armando Malheiro da Silva, que tanto me ajudaram a problematizar, a esclarecer dúvidas e questões mais nebulosas, enfim, a pensar a Arquivística em moldes científicos. Não sei bem o que lhe agradecer, mas sei que me deu uma ajuda preciosa.

A terminar, não quero agradecer, mas sim dizer à minha família que sei apreciar o espaço que me deram para conviver com esta tese, roubando-lhes muitos momentos de companhia e partilha de emoções. Aos meus filhos, quero especialmente dizer que agora sim, vão, finalmente, poder ter um cão.

